

● A Guerra de Putin

Maior usina nuclear da Europa tem foco de incêndio após ataque russo

— Chanceler ucraniano pede que russos suspendam ações militares na central de Zaporizhzhia e afirma que acidente atômico no local seria dez vezes pior que Chernobyl

KIEV

A guerra na Ucrânia adquiriu ontem um grau de risco que os europeus não vivenciavam havia mais de 30 anos. Um incêndio atingiu Zaporizhzhia, maior usina nuclear da Europa, localizada na região de Enerhodar, no sudeste ucraniano, depois que forças russas dispararam contra a instalação. A informação foi confirmada pelo governo da Ucrânia, pelo prefeito da cidade e por funcionários da usina.

No Twitter, o chanceler da Ucrânia, Dmitri Kuleba, alertou para o risco de um acidente pior que o de Chernobyl. “O Exército russo está disparando de todos os lados contra a central nuclear de Zaporizhzhia, a maior da Europa. O fogo já começou. Se explodir, será dez vezes maior que Chernobyl”, disse. “Os russos devem cessar imediatamente o fogo e permitir aos bombeiros estabelecer uma zona de segurança.”

Em mensagens no Telegram, funcionários da usina e o prefeito de Enerhodar, Dmitri Orlov, confirmaram o incêndio. “Como resultado do contínuo bombardeio de prédios e unidades da maior usina nuclear da Europa, Zaporizhzhia está em chamas”, escreveu Orlov.

O porta-voz da usina, Andriy Tuz, disse à TV ucraniana que “projéteis russos” caíram sobre a central e incendiaram uma das seis unidades da instalação. Não está claro que tipo



Unidade de geração de energia da usina nuclear de Zaporizhzhia, na Ucrânia, pega fogo após ataque da Rússia na região de Enerhodar

de projéteis atingiram o prédio. O serviço de emergência estatal informou que o fogo foi em um prédio fora do perímetro da central. A radiação e as condições de segurança estão “dentro dos limites normais”, segundo autoridades.

Nas redes sociais, o presidente da Ucrânia, Volodimir Zelenski acusou a Rússia de recorrer ao “terror nuclear” e de querer “repetir” a tragédia de Chernobyl. Na madrugada de hoje (noite de ontem no Brasil), ele recebeu um telefonema do americano Joe Biden, que tam-

bém pediu o fim dos ataques em Zaporizhzhia.

Mais cedo, a Agência Internacional de Energia Atômica (AIEA) disse que foi alertada sobre os bombardeios e estava em contato com autoridades ucranianas. Em comunicado, a AIEA disse que um grande número de tanques e infantaria da Rússia havia rompido o bloqueio para a cidade de Enerhodar, a poucos quilômetros da usina. O diretor-geral da agência, Rafael Grossi, pediu a suspensão imediata do uso da força perto das instalações. A

agência também reforçou que não havia registro de vazamento.

ESTRATÉGIA. A comissão europeia de Energia, Kadri Simson, afirmou que a União Europeia trabalha em um “plano de contingência” para uma eventual decisão da Rússia de atacar as usinas da Ucrânia, que conta com 15 reatores operacionais em 4 centrais, além da zona de exclusão de Chernobyl, onde há 4 reatores fechados.

O intenso bombardeio russo na região faz parte de um esfor-

ço para consolidar o domínio da Rússia no sudeste da Ucrânia e cortar completamente o acesso do país ao mar, o que seria um duro golpe para a economia ucraniana.

A última localidade sob controle da Ucrânia no Mar de Azov é Mariupol. Ontem, o conselho municipal da cidade disse que forças russas estão deliberadamente bombardeando infraestruturas civis, deixando a região sem água, aquecimento, energia e impedindo o fornecimento de suprimentos ou a saída de pessoas. ● AP, REUTERS, NYT e WP

Crise ajuda a sepultar o isolacionismo americano

ANÁLISE

JENNIFER RUBIN

THE WASHINGTON POST

Com o slogan constrangedor “os EUA em primeiro lugar” pode ser sepultado. Os republicanos, mesmo os que nunca foram apaixonados por Donald Trump, se deliciaram nos últimos cinco anos

com o isolacionismo americano. Eles rejeitaram a os especialistas em segurança nacional, zombaram de organizações internacionais e demonstraram desprezo pelos aliados. Nem mesmo a pandemia, as mudanças climáticas e os ciberraques, todos elementos que exigem cooperação internacional, conseguiram convencer os conservadores americanos de que o isolacionismo nos tornou mais fracos e vulneráveis. Então, veio a Ucrânia.

Os aplausos dos republicanos ao discurso de Joe Biden no Estado da União, na terça-feira, são o reconhecimento de que o slogan “os EUA em primeiro lugar” já era. Em seu lugar, vemos um consenso de que os EUA,

seus aliados e organismos internacionais promovem nossos interesses de uma forma que o país sozinho não pode.

Multilateralismo
A força dos EUA deriva não do isolamento, mas de encontrar maneiras de aprimorar nossos valores

Até nossos rivais entendem o poder do multilateralismo. É por isso que Putin está tão empenhado em enfraquecê-lo. “Putin deseja destruir as instituições multilaterais europeias e as normas continentais sobre democracia e direitos humanos”, disse Michael McFaul,

ex-embaixador americano na Rússia. “É exatamente por isso que precisamos fortalecê-las.”

Somente os EUA têm estatuto, influência e poder para forjar e manter alianças que preservem a paz, a ordem internacional, o comércio e defendam os valores democráticos. A força americana deriva não do isolamento, mas de encontrar maneiras de multiplicar nossas vantagens e aprimorar nossos valores. Entre as muitas consequências da crise na Ucrânia está a morte da nostalgia equivocada dos republicanos. Agora, quem sabe eles também descartem sua paixão pelo autoritarismo. ●

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal O Estado de S. Paulo

Seção: Internacional **Caderno:** A **Página:** 9